

SE  
ESTA  
CASA  
TIVESSE  
RODAS



*Diego*

**SE ESTA CASA  
TIVESSE RODAS**

**DIEGO**

*e-book*

A Ana,  
minha mala de viagem.

## Nota

Quando me deparei com este e-book, eu me surpreendi muito pela positiva pelo conteúdo que cá encontrei, e me fez querer ler mais coisas do gênero, senti que Diego colocou muito de si nestes textos, e para o leitor atento, será possível conhecer um pouco do autor nestas linhas e entrelinhas que nos são apresentadas aqui nesta obra literária. É daquelas obras que pode ser lida em qualquer momento e em qualquer lugar. Transmitiu-me sentimentos positivos e inspiradores pelo seu lado poético. E digo-vos mais, **“Se Esta Casa Tivesse Rodas”** é uma viagem autêntica para lugares incríveis, e é, literalmente, como se o autor nos carregasse para onde quer que ele fosse.

*Geovani Marcolino*

## À Deriva de mim

Devaneio é deixar Luanda sem a ver sequer, sem sentidos. É empurrar a mala num desatino de alma apagada. É afogar-se em montes de medos, que à cadavérica coragem destroem a forma e o comprimento. E pior, é ver que tudo isso atravessa-me e é em mim tão abundantemente claro, numa translucidez que me dá flores à porta. É Luanda, que some de si mesma com os pingos de chuva, num toque terno e numa vastidão de eternos amores que para trás ficam. À beira de um rio branco, de caudal bentiaba. Eis a firmeza de tronco que os sustenta. A oscilação entre o cinza morto e o céu dourado como a primavera lusitana. Tão bonito quando as flores caem. E você sabe o que são flores quando deste modo me refiro. Guardadas em pesada memória, as que não tive coragem de plantar em eternidade na cova que tão cedo a mim veio ter, as outras que sempre me esqueço de as comprar, e outras as quais não lhes sinto o cheiro. E que sítio é este em que há a alegria de ser triste? Que céu é este de Lisboa? Devaneios em sintra

quando o cheiro da terra é outro, quando as luzes são  
várias para a imensa escuridão que não cabe na mala de  
viagem. E se te sentasses um pouco ao pé de mim?  
Conta-me coisas. Fia comigo o resto do dia em Aveiro.

## Um quase poema

Quem de vós sabe o que é o amor?

Quem de vós atirava pedras ao lago por se conhecer puro e santo?

Quem de vós, escravos e criados meus, sabe da dor e do cansaço de ser Rei?

E como estariam então vocês de modos, homens e mulheres e crianças, se a vós dissesse, que a cadeira em ouro maciço em que me sento, apresenta espinhos em todo o seu contorno?

Nas bordas e nos estofos, e onde pouse os braços e a mão de cujos dedos ditam as leis e as ordens.

Pasmos, suponho. De rosto caído...

## Se Fosses Azul e Branco

Se Pedro tinha cinco, seis anos, e se Pedro brincava de fazer malas e de arrumar papéis, é porque Pedro era eu, é porque era você que me olha aí espedado a decifrar-me em embaraços, ora coçando o braço, ora achando que ninguém o vê, que vive só na vastidão do cosmos, isto porque ninguém nos conta, numa espécie de catálogo ou de manual de boas condutas, que o nascimento é solitário embora estejamos dois ou três num único fio, ou porque se esqueceu a mão de cujo início se deu, de fazer um desenho em que coubesse a morte lá dentro, traços finos a lápis de cor... com montes de berros “aqui estou, esta sou eu em carne e osso”. E é tudo? És só isso? Por isso nos custa tanto a constatação do céu e do mar cinzento, e Pedro arrumando, devagar e a pouco de cada vez, num delírio de alma incendiada, uns papéis sem nada escrito que os vai cortando e cortando, aos bocados e às tantas aos montes, com uma tesoura em nada afiada, com os finos dedos que tremem e suam, tão puros, tão inocentes, tão brancos se os



quisermos, veio agora ao mundo o coitado, o que saberiam então seis anos de arrumar malas e fazer-se à estrada, à deriva de si próprio? Pedro és tu, nessa escritania seminova do seu quarto azul e branco, o teto com listras, desenhos de pneus, tudo como nos táxis, nos candongueiros que descem e sobem as ingombotas e o prenda, enquanto os políticos comem-se uns aos outros, e comem-nos a nós. Os carros viajam, Pedro viaja, tu viajas. Na sala de jantar os pais brigam pelo ordenado de palha que os tem consumido a pouco e pouco. E de cada berro, um punho sobre a mesa, um jarro que se parte, um coração que se divide ao meio. Pedro desce da cadeira em que esteve, as camisetas do colégio em benfica vão a mala aberta parar sem pressa de ser vivente, até que os berros findam. Os olhares frios, impassivos, o distanciamento que doravante se entrepõe entre eles e eles mesmos, tudo se atravessando em ziguezague, umas quantas louças por lavar, umas quantas carnes em vinhas d'alho, uns quantos tédios... e Pedro. Como tu. De tão pouca vida e de imensa estrada por percorrer num horizonte destes de semicerrar os olhos. Sabia bem que com o silêncio chegava a constatação de uma vez mais

sentir-se trapo que voa numa inutilidade de candongueiro roto, de motor já gasto, óleo preto, de direção a esquivar-se, ou do imenso pó pelos vidros, da lama nas rodas, do suor que da testa escorre, do cheiro a podre, do cansaço humano, e instantaneamente Pedro soube, que o silencio não era silencio, e tu soubeste, tu aí parado, nesta espécie de corda de equilibrismo, soubeste que chorar não precisa lágrimas. Chorar é sorrir ao jantar. É cortar papéis na escritania. Chorar é fazer malas e ir-se, com as camisetas, com as peúgas todas porque sabe que o relento há de vir ter, e fechou a mala. Os pais ainda dormem por essa altura. O menino saiu em bicos de pé sem que um músculo se movesse, e desde então, os pais não mais discutiram, porque Pedro não mais voltou. Morreu. Com a migalha de vida que teve.



## **Sabe Tão Bem Um Cigarro Depois Do Almoço**

Sabe tão bem um cigarro depois do almoço, um café às pressas porque soou o sino, tem de retomar as labutas se é que me entende, e ver o que era, tão ele cheio da imponente imensidão, agora só em cinza e pó, uma caixinha em aspeto magro, atirada ao vento e ao sol no meio de outras tantas na marquise ou no canto da sala gelada, e como sabe bem... o último dos cigarros... parece que se fuma melhor quando nos atravessa a finitude, quando a alma pobre agarrada ao coração não entra aos pulos e aos saltos com cara de ser medo, quando a mente não se obscurece em completa angústia porque sumiram-se os centímos todos, quando quem daí vem é um total esquecimento, um vazio largo, como se pisasse eu e coragem que juro aos santos não ter em angústias com a ponta dos dedos dormentes, fazer o quê... se as botas trouxe comigo da terra que me viu nascer e crescer, e também as peúgas e o travesseiro como diria a falecida mão da mãe dos meus irmãos, e tu?

Vieste ao mundo assim? Sem pai? Sem mãe? Por vir só como um vômito na calçada de Coimbra? Vim do ventre. Algum por aí. Sujo do sangue como os irmãos humanos. Depois cortaram-me os laços, e os afetos, um médico de barba encorpada que veio do Zaire. E deixou-me assim. Com limpidez distinta. E nunca apavorados, é curioso, nunca, era sempre um medo bom, como quem dissesse pena de dar-te amor ao transbordar do copo, isto porque o copo cai, estilhaça-se num leve de pomba branca e o que sobra? Cacos que nos cortam os dedos se os procurarmos? Onde está o amor? Então é mãe dos meus irmãos, meu caro senhor. És um órfão expatriado, disse. Mas é tudo por serem maiores que eu, é tudo por amarem num copo de lata, percebe? Não há estilhaços, não há sangue, o copo se parte nunca. O amor é ao transbordar do copo, e o que dele cai, é para um alguidar que vai parar, como pairou a voz do eterno senhor, o santo espírito do criador nas águas do acaso, que deu princípio a tudo e a quem o vosso reino tem de vir a nós ter, para que rogue pelas almas pecadoras, e como sabe tão bem fumar com cristo depois do almoço, em sua

graça e sua presença. Um cigarro e o sol já se ia embora.

Será que volta?

## Outro quase poema

O quanto me custam esses versos...

O quanto de noites em branco, à procura, à espera, que me caíam num sobressalto de júbilo intenso, à sombra de um imbondeiro que jamais há de morrer, e nos ouvidos o som da corrente em que o fluxo, imensamente veloz, me é alheio em completo.

Bem aventurado era se o soubesse. Se as chaves as quais necessito a mim pertencessem.

É tudo tão nublado. Tão obscuro em quase-paradoxo.

Dou por mim e caminho horas e horas pelo anoitecer desta alma, numa longínqua distância entre si e o astro-rei, foge da mente e do raciocínio, foge de si a tão pouco tocar a infância e os medos e traumas, foge do corpo, dos sentidos.

Dou por mim e há um sol soviético que espreita, a alma imensamente afastada do sol costeiro que a restitui em remendos, luanda pintada de nada, cor dágua, cheiro de funeral.

E eu, um cego e uma bengala.

Um eterno principiante.

Um escritorzinho de meia tigela num canto do mundo,  
uma fraude, montes de imitações e de mímicas.

Um eterno principiante.



## Guiné

A caneta? Não a tenho. Esta que uso roubei-a do hotel em que estou trabalhando. Nem caneta, nem folhas, nem a casa de banho ao pé do quarto, nem os amontados em pose caótica de papéis em branco, papéis com uma frase só, e nem o calor, nem o sol, quando vem é aos bocados, pingos que a eles parece custar o olho da cara em dias de inverno, e eu a espantar-me todo, a visitar as pressas a pequena varanda de azulejo velho, que baloiça instável, quase que com ela caio prédio abaixo, e esfrego as mãos em direção ao astro a arder, arder como quem diz, claro está, sem o excesso que me acostumou luanda, sem as buzinas, sem o mal cheiro, o grito do povo, da minha gente, que tanto amo quanto mais longe estou, da mesma cor que eu, com o mesmo bom gosto, o mesmo sal nas lágrimas. De cima, a confusão de telhados e telhados, do lado, uma construçãozita, uns buracos que nem se nota, o barulho de incansáveis homens dia e noite

nas obras de um edifício, e nisto o sino toca e é a primeira vez que lhe noto o som. Se a maria me visse, ela e o cozinheiro brasileiro, se ambos me vissem roubando a caneta escura de ponta cinzenta, matavam-se a rir, ela ficava contente, e meia-volta depois, uma palmada no ombro, um segundo sorriso a chamar-me pelo nome errado, aposto que sim, ezequias ou o que é, dás-me um café pingado? disse ela apanhando as colheres de sopa por lavar, e pendurando ao mesmo tempo as facas e as tábuas, ajeitando as uvas na cesta, o pão de torradas, e desta vez, um sorriso de rosto descoberto afastando-se a timidez. O café chega na minha agilidade esporádica, e ninguém nos ouve, são onze e meia e o hotel esvaziou-se, só os bocados de frio entrando pela porta do fundo entreaberta, o amanhã na palma das mãos e com ele a lembrança de que o sol jamais se esquece do seu acordar tardio, deste vagaroso despertar, dele e das pessoas todas, com suas pressas contidas, as bocas cerradas, e que estranho serem sete e não haver luanda em parte nenhuma. Será que volta?



## Alice?

Visitei o Porto que tanto quis.

Foi numa tarde.

E num instante, de quase tangível instinto vendado, sumia-se-me do alcance dos pequenos olhos, a confusão de telhados a que me acostumei da janela do prédio, sumiu a igreja, o sino, a pouca gente, a junta de freguesia habitada pela calma das árvores, pelo brando voar dos pombos, o banco a que muitas vezes me vou sentar para ver a água e o céu serem um só, sumia... tudo... e lá estava o porto. Exuberante, caótico, num caos que não se deixa ver. Um principiante europeu. É esta a estação do metro? É isso mesmo, meu menino. Queria ir a São Bento. Mas você está em São Bento. Não pode ir aonde já está. E sorri um bocado. Lembrei-me agora que não sorri a viagem toda. Um senhor. De boa aparência. Traz consigo umas luvas calçadas, tem vestido um casaco molhado pela chuva que vem de Gaia, deu-me a resposta em filosofias, e senti-me em casa. Portugal afinal é tão pequeno, que as pessoas são todas as mesmas. Repetem-se nos gestos, nas almas, o bom cidadão, que sabe comportar-se à mesa, e repetem-se os costumes, o boa tarde não dito. O cinzento que pinta a pátria toda. Não toda, disse ele. Há zonas que são o cu de

portugal. E tornou a dizer, à distância de dois degraus,  
Faltam menos que um minuto para o metro que segue ao  
IPO. E desço eu um pé. E avança o senhor. E seguimos  
viagem. Era um mendigo...

## O fim do primeiro, talvez

Sou Rei de colónias e de colónias,  
Senhor de bravos homens,  
O gosto e prazer das mais bela mulheres,  
As terras todas, de sul a norte, do mar ao leste, de  
Cabinda, do Cunene, do Luena,  
Vibram se eu assim quiser,  
Não há uma só gota de suor minha que a elas se tenha  
jogado,  
Sou tudo, e depois?  
Hei-de partir como todos outros,  
Há de chegar o dia em que me atravessará com ainda  
maior intensidade, o nada,  
O prazeroso vazio de não tocar o céu,  
Hei de me sentar como os outros homens, de mãos  
atadas ao peito, de corpo imundo sem nada lá dentro,  
Voltar ao nada de que somos feitos.

## Nota Dois

“Entre baforadas e goles lentos no meu tinto do Porto, preparo-me para sair de uma terra que nunca mostrou interesse em me deixar. Será que é esse o sabor da tal Europa de que tanto me falam?

À deriva neste quarto, não consigo achar começo nem fim dessa arrumação. A Ana logo se aborrece e perco voo, é engraçado que de todos os dons que recebi, ‘arrumar malas’ de certeza é daqueles que o Senhor nem cogitou, creio que ficou lá nos esboços da outra história que ele escreveu para mim e logo se arrependeu.

Não tenho data de regresso, nem eu mesmo sei se regresso, a única certeza que tenho é da partida. Não me despeço porque a levo comigo. Se fosse azul e branco não teria graça, tinha de ser diferente, já que cruzei o continente. Já dizia a minha velha ‘que valha a pena todo investimento’.

É tudo tão irreverente que eu poderia dizer que era um sonho, mas sei que não, pois, há tantos meses que já não me sentia assim, de carne e osso, eu viajei e você viajou. Temos tanto para conhecer e aprender, que te garanto não querer voltar tão cedo.

Caro leitor, convido-o a entrar comigo nessa aventura que começou sem planejamento, mas que tem se mostrado ser uma das melhores e maiores em que já me coloquei. Da minha caneta, meio que espontaneamente, transbordaram textos e textos que formaram esta obra que aqui vos trago. Tem muito de mim, e querendo ou não, nos sentiremos mais íntimos.”

*Geovani Marcolino*



